

## ESTIGMATIZAÇÃO EM HISTÓRIA ORAL: [DES] CONSTRUÇÃO DE MITOS ACERCA DO MÉTODO.

Errol Fernando Zepka Pereira Junior<sup>1</sup>

Rene Birochi<sup>2</sup>

### RESUMO

Considerando a importância do método de história oral para a pesquisa em diversas áreas do conhecimento, este artigo objetiva analisar à luz da teoria científica alguns dos mitos que permeiam essa metodologia. Para isso, procede-se a um ensaio teórico. Desse modo, discute-se que é possível articular pesquisas com história oral de forma online, o método de história oral não oferece uma contribuição “relativizada” à teoria; não falta rigor metodológico à história oral; a pesquisa em história oral não perde sua validade, uma vez que há possíveis erros e omissões sobre cronologias e outros, na fala dos entrevistados e a história oral não é um método limitado quanto aos objetos de pesquisa que toca. Isso permite concluir a potencialidade da história oral, bem como as novas vertentes de pesquisa que podem ser abertas a partir disso.

Palavras-chave: História oral; estigma; mitos; método; ensaio teórico.

### ABSTRACT

Considering the importance of the oral history method for research in several areas of knowledge, this article aims to analyze in the light of scientific theory some of the myths that permeate this methodology. For this, a theoretical essay is carried out. Thus, it is argued that it is possible to articulate research with oral history online, the oral history method does not offer a “relativized” contribution to the theory; oral history does not lack methodological rigor; Oral history research does not lose its validity, since there are possible errors and omissions about chronologies and others, in the interviewees' speech and oral history is not a limited method in terms of the research objects it touches. This makes it possible to conclude the potential of oral history, as well as the new strands of research that can be opened from there.

Keywords: Oral history; stigma; myths; method; theoretical essay.

### O que é história oral?

Por muito tempo, a linha mestre das pesquisas em ciências sociais envolvendo métodos históricos teve por foco a macro história, ou em outras palavras a “história do vencedor”, onde se destacam aspectos julgados importantes de grandes biografias envolvendo questões geopolíticas, majoritariamente baseando-se em fontes historiográficas. Como apontado por Ferreira (2002, p. 329), “[...]a história oral, tanto dos vencidos como dos vencedores, estaria marcada por deformações ideológicas”. Todavia nos últimos anos tem crescido o interesse por aspectos “lado b” de fatos que impactam e/ou são impactados por aspectos macro-históricos. Tem-se então a micro história.

<sup>1</sup> Mestre em Administração; MBA em Gestão Estratégica de Negócios; Aperfeiçoado em Tecnologias da Educação; Aperfeiçoado em Como Ensinar a Distância; Bacharel em Administração e Licenciado em História. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4203-0801>

<sup>2</sup> Doutor em Administração de Empresas; Mestre em Administração; MBA Executivo Finanças; Bacharel em História. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0690-0870>

Santos (2016) explica que a micro história trata-se de um fazer que está no campo da etno-história, que se pretende como uma ciência do vivido, objetivando estabelecer um entrecruzamento entre a história através de suas mais variadas vertentes, a saber: econômica, social e cultural. A hegemonia das relações sociais passa a ser reconhecida ao nível cultural das sociedades, que por sua vez é responsável por engendrar o nível social, em seus conflitos, contradições e inteligibilidades. Para o autor, a capacidade e potencialidade de mudança não está mais na dimensão política, econômica, ou social, antes no mundo cultural.,

Dessa forma, a micro história apresenta-se como alternativa à macro história, uma vez que vai se munir de pequenas histórias, possuintes de sentido e significado em si mesmas, ao passo que as estruturas globalizantes e generalizadoras (tais como da economia de mercado, sociedade de consumo política internacional, e outras) são preteridas e no seu lugar enfatizam-se os indivíduos, suas expectativas, frustrações, alegrias, sofrimentos e os meandros de seu cotidiano (SANTOS, 2016).

Garnica (2007) apresenta que as pesquisas desenvolvidas a partir de recursos que perpassam a oralidade e a memória são usuais através das investigações de natureza qualitativa. Estas, parametrizam suas ações a partir da coleta de informações através da oralidade. Trazer à baila metodologias que ressaltam a importância da memória, oralidade, depoimentos, vidas das pessoas, para compreender os objetos que as investigações pretendem focar, são comuns desde muito tempo, tanto no Brasil como no mundo. A História Oral é um dentre esses métodos.

Gomes e Santana (2010) trazem que os defensores da história oral como técnica de pesquisa, interessam-se pelas experiências com gravações, transcrições e conservação de entrevistas e todo o aparato que acompanha a condução. Já aqueles que lhe atribuem um status de disciplina, baseiam-se em argumentos complexos e, às vezes, contraditórios. Todos esses, no entanto, têm por ponto de sela que a história oral inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos. Sendo que esse conjunto, por sua vez, norteia as duas outras instâncias, conferindo-lhes significado e emprestando unidade ao novo campo de conhecimento. Diante dessa construção, os autores (p. 4), definem a história oral “como um método de pesquisa que

utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si no registro de narrativas da experiência humana”.

Alberti (2000) introduz que a história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes a fim de estudar a história contemporânea, que surgiu nas primeiras décadas do século XX, após a invenção do gravador de fitas. Essa técnica consiste na realização de entrevistas gravadas com atores e testemunhas do passado, os objetos da pesquisa. Até a década de 1970, a história oral enfrentava diversas resistências na própria história porque havia o que Alberti chama de “um certo fetichismo do documento escrito” (2000, p. 1), como era o pensamento normal da época, se algo estava escrito, havia aí certa objetividade, uma vez que na entrevista gravada o conteúdo viria “carregado” de subjetividade. Em meados do século XXI, já se constituía com maior aceitação, na academia, que fontes escritas também podem ser subjetivas e que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico, em outras palavras: que se deve tomá-la como dado objetivo para entender por que determinados acontecimentos ou conjunturas são interpretados de um modo e não de outro.

O presente ensaio teórica objetiva debater e discutir conceitos sobre o método de pesquisa história oral. Há diversos conceitos que aparecem recorrentemente até mesmo nas pesquisas. Através de uma conversa teórica com os princípios de história oral, serão discutidos estes, a fim de trazer à baila o rigor metodológico e potencial de aplicação desta técnica aos estudos em ciências sociais aplicadas.

A tese a ser defendida nesta escrita é a de que, ainda diante de suas limitações, o método de história oral é desenvolvido com deveras rigor metodológico e permite uma interpretação dos objetos e campo de pesquisa sob uma outra perspectiva: a do sujeito estudado.

### **Limitações de história oral a serem teoricamente dialogadas**

*(i) Não é possível articular pesquisas com história oral de forma online.*

Yow (2014, p. 138) constrói que mesmo nos casos em que a comunicação à distância oferece imagem e voz, perde-se muito, uma vez que, embora a imagem na tela ofereça

pistas sociais, a escuta cuidadosa, sem pressa, profunda, e a busca intensa da entrevista em profundidade não são, em geral, facilitadas pelas tecnologias de informação e comunicação.

Em contraposição, Meihy (2005) aponta que a relação da história oral com a eletrônica é muito estreita, onde há uma dependência na utilização de aparelhos eletrônicos a fim de permitir que a coleta de dados, o estabelecimento de textos, a formulação, o arquivamento e a divulgação documental avancem. A utilização de aparelho de gravação, sejam de áudio e/ou áudio e vídeo colaboram para a produção dos relatos, preservação de documentos e as futuras análises sociais.

Fajer (2016) acrescentam que, embora seja praticamente impossível pensar a história oral sem os equipamentos eletrônicos, é preciso esclarecer que, além desses equipamentos, obrigatoriamente é necessária a participação humana, e é justamente nesse aspecto que se traz um instrumento de grande importância nessa metodologia: o caderno de campo. Nele, são registradas não apenas observações relativas às entrevistas, mas também sobre o desenvolvimento da pesquisa.

Desde o ano de 2020, com a pandemia da Covid-19 e as necessidades de isolamento social, tornou-se recorrente a utilização de ferramentas de reunião online para a condução dos mais variados tipos de pesquisas, dentre eles, os que se conduzem por história oral. Através da história oral: Ulisses (2021) desenvolveu através do Google Meet, analisando o entrecruzamento do ensino do curso de História no espaço acadêmico e o ensino de História no espaço escolar; Silva e Fonseca (2021), trabalharam, também pelo Google Meet com o educador Geraldo do Nascimento Carvalho, a fim de entender sua representatividade política, social e educacional no contexto do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí. Widholzer (2021) pesquisou acerca de experiências de estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no contexto da pandemia através da história oral. Para isso, se utilizou de diversas ferramentas online (p. 10):

Por serem entrevistas que ocorreram em 2020, em meio à pandemia da Covid-19 e ao isolamento social, estas foram realizadas à distância, virtualmente. Para isso, os selecionados precisavam ter acesso a algum dispositivo eletrônico que permitisse a conexão à internet no momento da entrevista. Parte da equipe elaborou um tutorial para a gravação de entrevistas à distância, utilizado para auxiliar os entrevistadores e os entrevistados a lidarem com as plataformas online que possibilitam a gravação de chamadas de vídeo, como o Skype, o Zoom Cloud Meetings, o

Jitsi e o Stream Yard. A maioria das entrevistas foi feita pela plataforma Zoom.

Apresentam-se aqui Ulisses (2021), Silva e Fonseca (2021), e Widholzer (2021), dentre diversos textos que tenham trabalhado com história oral em um formato online, utilizando-se de Google Meet, Skype, o Zoom Cloud Meetings, o Jitsi e o Stream Yard. Tendo em vista a necessidade do isolamento, e a impossibilidade de encontros presenciais, pergunta-se:

Como teriam, esses pesquisadores, realizado suas pesquisas sem o formato online?

Teriam que trocar suas metodologias e seus objetos de pesquisa?

Aguardar a pandemia acabar para retomar seus projetos?

Por suposto que as conduções por meio digital são uma possibilidade que permite a apropriada condução da pesquisa. Pode-se esperar novas pesquisas em história oral executadas “pela tela do artefato” pelos próximos anos.

*(ii) O método de história oral oferece uma contribuição “relativizada” à teoria.*

Uma vez que o ensejo principal de história oral é perpassar por uma autorreflexão e não necessariamente a construção teórica de algum objetivo, o método traz um estigma de se limitar à aportes relativizados, sendo necessária a busca em outros métodos a fim de “validar” princípios teóricos empíricos (Tizzo *et al.*, 2015).

Na contramão de pode-se citar a escrita de Alberti (2000), uma vez que a autora trabalha, em uma perspectiva bourdieuana, sobre a fragmentação do “eu” ao advento do romance moderno, que abandona o relato linear. Nessa vertente, a autora conduz, de forma breve, um relato acerca de Fernando Pessoa, através de sua escrita por meio dos heterônimos (p. 4):

Heterônimos são personagens criados por Pessoa, que pensam diferentemente dele e têm estilos diferentes. Os mais conhecidos são Alberto Caeiro, poeta bucólico; Álvaro de Campos, poeta de vanguarda, e Ricardo Reis, adepto do classicismo abstrato e frio. Ricardo Reis, por exemplo, nasceu logo depois de Fernando Pessoa ter ouvido uma discussão sobre excessos da arte moderna, que o fez ficar pensando e imaginar uma teoria neoclássica, que achou bela e desenvolveu segundo princípios que ele mesmo não aceitava. Outros heterônimos de Fernando Pessoa mostram com clareza matemática a impossível unidade do eu: Frederico Reis (primo de Ricardo, que escreveu uma crítica à poesia deste); Alexander Search (nascido em Lisboa e autor de cinco escritos em inglês); Charles Search (irmão de Alexander e tradutor); Barão von Teive (autor de um tratado

pedagógico sobre a educação dos estóicos); António Mora (filósofo que passou seus últimos dias em uma clínica psiquiátrica, onde Pessoa o conheceu); Raphael Baldaya (autor de um tratado da negação e de outro sobre os princípios da metafísica esotérica, do qual havia um cartão de visitas, no baú, com a profissão “Astrólogo em Lisboa”); Charles Robert Anon (autor de escritos filosóficos em inglês); Abílio Quaresma (detetive particular que escrevia histórias policiais).

Por meio desse enxerto, temos que, se fossemos trabalhar apenas de forma objetiva, restringindo-se aos métodos de escrita identificada, teríamos apenas uma parte da obra de Pessoa. E, se temos essa obra em outro formato, a temos de forma mais completa, na “unidade do eu”. A fragmentação dessa subjetividade em nada desvaloriza os relatos de Pessoa. A autora conclui que a expansão para “outras formas” de se ler Fernando Pessoa, pode ser transposta para “outras formas” de enxergarmos os fenômenos, objetos de pesquisa e situação.

Aqui cabe uma discussão paradigmática, uma vez que, desde Burrell e Morgan (1979) vem se discutindo as pesquisas em ciências sociais nesses “recortes” dos quatro paradigmas, a saber: humanismo, estruturalismo, interpretacionismo e funcionalismo. A ideia, que inicialmente seria organizar as pesquisas acabou separando-as e gerando uma “guerra paradigmática” por vezes não necessária, uma vez que, respeitando as fronteiras entre os quadrantes propostos, novas pesquisas podem surgir perpassando as fronteiras, como proposto por Paula (2016).

A autora propõe, em suma, a tese das reconstruções epistêmicas, evidenciando que o conhecimento sociológico se desenvolve por meio de reconstruções epistêmicas embrionárias ou avançadas, uma vez que não seriam rupturas paradigmáticas ou revoluções científicas, mas sim de criação de teorias e metodologias fronteiriças de abordagens sociológicas híbridas, que visam superar a incompletude cognitiva (PAULA, 2016). Diante deste, a metodologia de história oral pode valer-se dessas fronteiras paradigmático-epistemológicas e desenvolver contribuições reais à literatura a que se propõe, não sendo necessário relativizá-la à um segundo plano.

*(iii) Falta rigor metodológico à história oral.*

Uma crítica comumente apresentada à história oral na academia vem a ser de que faltaria rigor metodológico ao método. Ou mesmo de se utilizar-se do método sem a

aplicação deste rigor. Apenas a fim de elucidação, Luján (2013, p. 64) traz, sobre história oral, que

*En algunas ocasiones se utiliza sin el rigor metodológico necesario para su trabajo. Se argumenta su utilización, sin un sólido enfoque epistemológico que permita dilucidar que los testimonios no son “lo que sucedió”, sino lo que la persona entrevistada quiere decir y cómo recuerda lo que aconteció. En pocos estudios educativos donde se ha utilizado la historia oral como método, he percibido esta reflexión y la reflexión desde este plano, en torno al testimonio obtenido.<sup>3</sup>*

Todavía, Alberti (2004) entende que, na história oral, a pesquisa e a documentação estão integradas com base em um projeto de entrevistas que se transformarão em documentos, os quais poderão ser incorporados como fontes para novas pesquisas. A pesquisa com fontes orais é apoiada em pontos de vista individuais, os quais são expressos nas entrevistas e são legitimadas como fontes de valor informativo ou simbólico.

Barbosa e Souza (2009) explicam que muitas críticas eram feitas à história oral, uma vez que a história dominante no início do século XX era baseada no modelo estruturalista. Este paradigma postulava que o modo científico de se desenvolver as pesquisas deveria privilegiar a identificação da estrutura o mais impessoal possível do instrumento da pesquisa, buscando neutralizar aspectos de percepção dos indivíduos. Conversar ou utilizar-se da memória de entrevistados era considerado um estudo com menor rigor metodológico. Assim, o uso da oralidade era visto como um método de menor rigor por estar à mercê das imperfeições da memória e de percepções individuais, da mesma forma como ocorria com os estudos qualitativos como um todo. Posteriormente, mais para o final do século, houve uma revalorização deste método junto com a valorização que as análises qualitativas passaram a ter, através da escrita sobre experiências individuais, e sua aceitação de estudos contemporâneos. Assim, o abrandamento da visão estruturalista como via de regra e a neutralização das críticas tradicionais possibilitaram a expansão das pesquisas em história, e história oral, principalmente a partir dos anos de 1990.

---

<sup>3</sup> “VERSÃO” em português, feita pelos autores:

Em algumas ocasiões é utilizado sem o rigor metodológico necessário ao seu trabalho. Argumenta-se seu uso, sem uma abordagem epistemológica sólida que permita elucidar que os depoimentos não são “o que aconteceu”, mas o que o entrevistado quer dizer e como se lembra do que aconteceu. Em poucos estudos educacionais em que a história oral tem sido utilizada como método, tenho percebido essa reflexão e a reflexão desse plano, em torno do testemunho obtido.

Nesse sentido, Gonçalves e Lisboa (2007) constroem que a história oral se constitui como verdadeiro e eficiente instrumento de investigação, uma vez que o pesquisador atribui um caráter científico a sua pesquisa. Este deve estar orientado por um conhecimento teórico prévio, acerca da técnica e a problemática da pesquisa precisa estar inserida num projeto previamente formulado. Além disso, as informações sobre o campo a ser pesquisado precisam estar coletadas e o uso de instrumentos e técnicas de pesquisa previamente definidos. Durante o processo de pesquisa, a hipótese problematizadora e a fundamentação teórica devem ser utilizados como um direcionador, orientando a investigação cujo principal objetivo é a construção de conhecimento a partir do levantamento, interpretação e análise dos dados empíricos.

*(iv) A pesquisa em história oral perde sua validade, uma vez que há erros e omissões sobre cronologias e outros, na fala dos entrevistados.*

Alguns críticos da história oral podem valer-se de situações em que o entrevistado relata algo com algum “erro cronológico”, ou mesmo “desvios”, que possam trazer problemas na construção do relato. Como aponta Iturmendi (2008, p. 229):

*Los trabajos de investigación que se auxilian de las técnicas de la historia oral son frecuentemente criticados por los detractores de la historia oral, achacándoles las limitaciones que presentan los testimonios obtenidos a partir de una entrevista, tales como los errores o las omisiones sobre datos o fechas históricas.<sup>4</sup>*

Sobre esse aspecto, Alberti (2000) [des]constrói esse mito, ao passo que, em se trabalhar com história oral, é importante se ter em mente que o relato de vida é apenas uma entre muitas possibilidades de pesquisa. Esse relato de vida normalmente é a apresentação oficial que o entrevistado faz de si mesmo, e esta varia conforme o “local” onde está falando: quando na família, geralmente, o que rege é a confiança; quando na esfera pública, o relato costuma ser mais formal. Assim, em um trabalho de história oral, a biografia e a trajetória individual, não são “coisa dada”, mas sim construída ao passo em que a entrevista é feita. Se o entrevistado tem o costume de refletir sobre sua vida, provavelmente

---

<sup>4</sup> “VERSÃO” em português, feita pelos autores:

As pesquisas que utilizam técnicas de história oral são frequentemente criticadas pelos detractores da história oral, culpando-os pelas limitações dos depoimentos obtidos em uma entrevista, como erros ou omissões em relação a dados ou datas.

já tem direcionamento previamente organizado em sua mente para alguns acontecimentos e percursos e consegue relatar esses com maior clareza em vez de outros. Isso, no entanto, não quer dizer que esse sentido seja falso ou não tenha relação com a realidade.

Mesmo em momentos em que a fala do entrevistado pode parecer contraditória, uma vez que ele cita “datas improváveis” ou mesmo há um “desencontro de informações”, isso não precisa necessariamente ser um problema. O Mestre em Cultura e Territorialidades, Gabriel Moreno da Silva, autor da dissertação “Ocupação: Cultural. Reflexões sobre sonho e trabalho” (2018), em entrevista para o canal do Youtube “Prof. Zepka”, em 2021, desenvolve que, nessas situações é válido entender a razão deste “desvio” e construir a história oral levando em consideração tal fato. Se, por exemplo, a pessoa relata que participou de um evento em que cronologicamente é impossível, como “celebrar a vitória do Brasil em 2002”, e ela é nascida em 2003, há aí uma indagação interessante: “porque essa pessoa relata, como se tivesse vivido, algo que não viveu. Investigando-se é possível chegar em que a família contou tantas vezes a história dessa celebração de 2002, que a pessoa interioriza o fato e aquilo passa a ser parte de sua história”.

Dessa forma, entender o que pode ser um “desvio”, pode ter esse significado a ser trabalhado e a busca pelo sentido direciona o relato da fala, construindo assim a forma como aquele fato, ainda que não “vivido daquela forma”, impactou a vida daquela pessoa. Se impactou, a subjetividade permite trazer este para a construção de sua história de vida.

*(v) História oral é um método limitado quanto aos objetos de pesquisa que toca.*

Por fim, alguns autores irão alcinhar a história oral como que limitada quanto ao objeto que estuda, como indica, Folguera (1994, p.19) “*aunque suscite grandes limitaciones, la historia oral está indicada para algunas áreas concretas de historia: social, local, familiar, mujeres, escuelas, institutos, universidades, museos, centros de investigación, etc*”<sup>5</sup>.

Silva (2002) explica que pensar a biografia em conjunto com a história oral não é uma obviedade, uma vez que uma pode, perfeitamente, viver sem a outra. Dessa forma, é

---

<sup>5</sup> VERSÃO” em português, feita pelos autores:

Embora apresente grandes limitações, a história oral é indicada para algumas áreas específicas da história: social, local, familiar, mulheres, escolas, institutos, universidades, museus, centros de pesquisa etc.

possível construir uma biografia sem o recurso da história oral, como também se pode fazer uso da história oral em propostas de pesquisa não-biográficas, que a autora rotula como relativas a uma coletividade, a um processo ou a um acontecimento.

Já Santos (2016) entende que considerar a história oral como limitada ao objeto de pesquisa é não levar em consideração que a ação social pode a ser vista como o resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa que, embora difusa, oferece muitas possibilidades de interpretações e liberdades pessoais. Isso acontece uma vez que a redução da escala é um procedimento analítico, que pode ser aplicado em qualquer lugar, independentemente das dimensões do objeto analisado. Deveríamos discutir o problema da escala, não só como aquele da escala da realidade observada, mas também como uma questão de uma escala variável de observação para os propósitos experimentais.

Diante das construções de Silva (2002) e Santos (2016), pode-se inferir que relegar a história oral apenas a um rol limitado de atores específicos de objetos de pesquisa. Há um potencial na análise, tanto da fala em sua essência, quanto em suas nuances. Um exemplo clássico de desconstrução sobre os “limitados objetos” poderia ser a história da África, uma vez que:

Numa cultura oral como a africana, o griot conserva a memória coletiva. A figura do griot tem uma enorme importância na conservação da palavra, da narração, do mito. Na prática, eles funcionam como escritores sem papel. Ortografam na oralidade aquilo que deve permanecer embutido na memória e no coração dos seus familiares e conterrâneos, no sentido de manter incrustada a identidade do seu ser e das suas raízes, fundamentada, em grande parte, no seu passado. Os griots são os guardiães, intérpretes e cantores da História oral de muitos povos africanos. (CORDOVA, 2020, p. 34)

Ainda para a autora:

A resistência do mercado editorial no Brasil a esse tipo de literatura, ainda é significativa, haja vista, a pouca divulgação de obras com essa temática. No entanto, o acesso ao pensamento africano, a forma de ser, de viver, que é diferente da cultura europeia, cultura esta que se faz presente no currículo da educação básica, precisa ser acessada. (CORDOVA, 2020, p. 34)

Dessa forma, sem a história oral, teríamos acesso à história da África por meio dos escritos em uma visão eurocentrista, que, por tanto tempo foi conduzida a fim de construir uma narrativa que permitisse a exploração do continente, mitigando as críticas sociais a questões como a própria escravidão. Reproduzindo discursos que relegam o africano à

escavidão, enquanto, quando se coloca o “griot” a narrar sua história, percebe-se de forma clara um povo que lutou contra essa exploração, dotado de uma grande riqueza sociocultural.

### **História oral: desaconselhável na pesquisa qualitativa?**

O presente ensaio teórico apresenta-se com o objetivo de discutir, ainda que de forma breve, alguns dos mitos acerca da história oral. Dizer que “não se pode fazer pesquisas com história oral por meio da internet”, abriria um leque de discussão de que a maior parte das pesquisas que são articuladas por meio da internet perderam sua validade pela falta do encontro presencial. Diante disso, “anular-se-iam teses, dissertações e outras pesquisas em que o pesquisador coletou dados de forma online?”. Além disso, acrescenta-se a ampliação do acesso, uma vez que o “online” permite que um pesquisador de qualquer lugar do mundo entrevistar qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo, o que seria limitado se fosse apenas o olhar “presencial”.

Relativizar a contribuição teórica da história oral, seja pela razão que for poderia ser comprar em voltar à meados do século XX e descaracterizar a importância da pesquisa qualitativa diante dos fenômenos sociais, ressuscitar a necessidade da escrita de Burrell e Morgan em 1979 e desconsiderar as atualizações de Paula, em 2016. Respeitando-se as fronteiras entre as indissociabilidades dos métodos, a “conversa” epistêmico-paradigmática é bem-vinda e traz à teoria novos aportes que não seriam possíveis por apenas um ou outro método.

Diminuir o rigor metodológico da história oral vai pela mesma vertente, ao passo que, para se desenvolver pesquisas com essa metodologia se faz necessária uma “imersão” em diversas considerações sobre a prática, tanto da coleta, como da transcrição e análise dos dados à luz do tratamento teórico-metodológico indicado por diversos “manuais” de como se fazê-lo. Já “frisar” que erros e omissões sobre cronologias e outros, na fala dos entrevistados diminui a validade da história oral como método é desconsiderar o potencial investigativo que estudar esses “desvios” pode trazer na construção do relato, bem como da análise de dados.

Por fim, a partir do momento em que se coloca a história oral ao segundo plano, como se fora uma técnica de segunda mão, porque ela é indicada “apenas” para alguns objetos de pesquisa e não para outros, tira-se do centro do processo de construção da história o “eu” ator daquele fenômeno, e se “ouve” essa história por meio de um terceiro. Muitas vezes esse terceiro pode ter em sua intenção a manutenção do status quo das relações de poder, reafirmando posicionamentos sociais e relegando os indivíduos de protagonistas e coadjuvantes de sua própria história.

### Referências

- ALBERTI, V. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, p. 1-5, 2000.
- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BARBOSA, D. R.; DE SOUZA, M. P. R. História da Psicologia: contribuições da etnografia e da história oral. **Temas em Psicologia**, v. 17, n. 1, p. 81-91, 2009.
- BURRELL G; MORGAN G. **Sociological Paradigms and Organizational Analysis**. London: Heinemann Books, 1979.
- CORDOVA, T. **História da África**. Indaial: Editora Uniasselvi, 2010.
- FAJER, R. F.; ARAÚJO, M. P.; WAISMANN, M. Importância do diário de campo nas pesquisas qualitativas com metodologia de história oral. In: XII Semana Científica Unilasalle - SEFIC, 12., 2016, Canoas. **Anais eletrônicos**, 2016, p. 1-6.
- FERREIRA, M. D. M. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, v. 3, n. 1, p. 314-332, 2002.
- FOLGUERA, P. **Cómo se hace historia oral**. Madrid: Eudema, 1994.
- GARNICA, A. Um ensaio sobre História Oral: considerações teórico-metodológicas e possibilidades de pesquisa em Educação Matemática. **Quadrante**, v. 16, n. 2, p. 27-50, 2007.
- GOMES, A. F.; SANTANA, W. G. P. A história oral na análise organizacional: a possível e promissora conversa entre a história e a administração. **Cadernos Ebape**, v. 8, n. 1, p. 1-18, 2010.
- GONÇALVES, R. D. C.; LISBOA, T. K. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katálysis**, v. 10, n. (esp), p. 83-92, 2007.

ITURMENDI, D. M. La historia oral como método de investigación histórica. **Gerónimo de Uztariz**, v. 23, n. 1, p. 227-233, 2008.

LUJÁN, R. H. La historia oral y sus aportaciones a la investigación educativa. **IE Revista de Investigación Educativa de la REDIECH**, v. 3, n. 5, p. 57-65, 2012.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

PAULA, A. P. P. D. Para além dos paradigmas nos Estudos Organizacionais - o círculo das matrizes epistêmicas. **Cadernos EBAPE**, v.14, n. 1, p. 24-46, 2016.

PROF. ZEPKA. **Empreendedor e precário: a carreira correria dos trabalhadores da cultura**. Entrevista Gabriel Moreno. Youtube, 13 out. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UE7TDWX8ais>>. Acesso em 18 jan. 2022.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. D. Rompendo o isolamento: Reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90**, v. 27, n. 1, p. 1-18, 2020.

SANTOS, P. C. D. **Teoria da história e historiografia**. Indaial: Editora Uniasselvi, 2016.

SILVA, G. M. D. **Ocupação: Cultural. Reflexões sobre sonho e trabalho**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

SILVA, H. R. K. D. Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia. **Métis: história & cultura**, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2002.

SILVA, Z. M. C.; FONSECA, R. N. D. Trajetória de escolarização e atuação profissional de um educador piauiense. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 4, p. 1-12, 2021.

TIZZO, V. S.; FLUGGE, F. C. G.; SILVA, H. D. Possible Practices with the Oral History in Initial Teacher Training (Math). **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, v. 29, n. 53, p. 887-908, 2015.

ULISSES, I. B. Ensino de história: da ideia, entrevistas e transcrições à “transcrição”. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 3, p. 1-6, 2021.

WIDHOLZER, M. D. S. **Experiências de estudantes da UFRGS no contexto da pandemia: história oral e divulgação científica**. Monografia (Bacharelado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

YOW, V. R. **Recording Oral History: A Guide for the Humanities and Social Sciences**. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2014.